

O PAPEL DOS DADOS-LIMITE NA AVALIAÇÃO DAS ANÁLISES PROPOSTAS PELA FONOLOGIA MÉTRICA PARA O RITMO DO JAPONÊS

ELZA TAEKO DOI

(Universidade Estadual de Campinas)

A fonologia métrica, desenvolvida como uma teoria de acento, baseia-se na determinação da proeminência fonológica acentual através de uma hierarquia estabelecida pela relação *s* (forte) e *w* (fraco).

A caracterização que se atribui ao japonês como língua de pitch accent (Mc Cawley, 68) se baseia na coexistência de acento e de tom (marcado apenas pela altura) na língua. Esses dois tipos de acento podem recair sobre uma mesma unidade, embora a mora, definida como uma unidade de duração, seja a portadora de tom, e a sílaba, a unidade que leva o acento. O conceito de núcleo acentual proposto por Hattori (76) teve como objetivo unir os dois conceitos em um: o elemento que unifica um grupo de sílabas (o acento) e a distribuição de tons alto e baixo.

A distinção entre unidades acentuais e unidades tonais é importante nos casos de sílabas consideradas pesadas, constituídas por duas moras. Nessa estrutura, somente a primeira vogal ou o segmento projetado pelo núcleo poderia levar o acento. Ao considerarmos a presença de acento em japonês, a abordagem métrica pareceria mais apropriada para dar conta do acento. No entanto, considerando que o acento do japonês não é determinado pela proeminência relativa, a utilização do modelo métrico estaria sujeita a alguns "ajustes" na descrição dos dados, ou teria que adotar uma solução que explicasse outros fenômenos que não sejam a acentuação nos moldes de *s* e *w*. Esta é a medida adotada por Zubizarreta (82) quando recorre ao conceito de harmonização baseado em pés polarizados e não-polarizados. Abe (87), por sua vez, propõe a representação das palavras em árvores métricas de ramificação binária, construída sobre "a seqüência de elementos relevantes em termos tonais de tal forma que o acento marcado lexicalmente se torna o elemento encaixado" (p.18). A análise de Abe utiliza os tons para ordenar as sílabas dentro de uma ramificação da árvore,

tendo como objetivo a organização hierárquica das sílabas de tom Alto e Baixo.

Este trabalho tem como objetivo avaliar as análises sobre o ritmo do japonês propostas por Abe e Zubizarreta dentro do modelo teórico da fonologia métrica. É nossa intenção proceder a essa avaliação não apenas no interior dos dados da língua, mas valendo-nos principalmente de dados extraídos de falantes não nativos da língua.

Partimos do pressuposto de que os dados-limite nos forneceriam elementos esclarecedores para a descrição de certos aspectos da língua, na medida em que, através da presença de inadequações no desempenho dos falantes não-nativos carregados de marcas da sua língua nativa, obteríamos pistas para avaliar a representação proposta pela análise baseada em um modelo teórico.

Os dados-limite utilizados neste trabalho consistem do português falado pelos japoneses e do japonês falado pelos brasileiros.

Os dados do português foram colhidos entre os japoneses imigrantes residentes em Campinas, a maioria deles com mais de 50 anos no Brasil, através de entrevistas informais. Podemos considerar que a língua que eles falam seria decorrente do contacto com os brasileiros nativos, sem uma orientação sistemática da língua em escolas.

Os dados dos brasileiros não descendentes de japoneses falando o japonês se caracterizam por um desempenho resultante de estudo sistemático da língua. Os dados foram coletados por ocasião do concurso de Oratória realizado anualmente em S.P. pelo Centro de Ensino de Língua Japonesa. Diferentemente dos dados coletados entre os japoneses, a fala dos brasileiros tem como característica principal um desempenho mais formal, decorrente da situação em que o material foi coletado e decorrente também da própria aquisição da língua através de um ensino sistemático.

Esta diferença (tanto na forma de coleta, quanto no tipo de material), longe de se constituir um aspecto negativo, será muito positivo para estudos do tipo que pretendemos desenvolver, isto é, através da recorrência aos dados empíricos externos à língua em questão.

Nos dados dos japoneses estariam presentes as marcas determinantes do ritmo do japonês enquanto resultado de desempenho natural e sem interferência formal da aprendizagem do português, e nos dados dos brasileiros, resultantes de uma fala mais cuidadosa e preparada, esperaríamos um desempenho que se aproximaria do japonês, tais como a realização das unidades morais enquanto portadoras de acento determinado pela altura do tom e a marcação acentual caracterizada pela queda do tom.

Os dados de brasileiros, no entanto, mostraram uma tendência a organizar o ritmo do japonês com base no acento, como ocorre com o português. Por outro lado, realizações que se esperam no japonês no que se re-

ferem ao seu ritmo, foram verificados nos dados de português falado pelos japoneses.

Prendemos examinar dois aspectos que consideramos decisivos para a caracterização do ritmo do japonês: a estrutura da sílaba e a organização dos pés. Levaremos em consideração a estrutura silábica adotada por Abe e Zubizarreta, baseada em constituintes hierárquicos Onset, Rima, Núcleo e Coda; e a análise de Zubizarreta baseada em pés polarizados e não-polarizados para dar conta do acento do japonês.

Abe propõe uma análise do acento das palavras compostas do japonês de Tóquio baseando-se na representação arbórea dos tons (+ - alto), através da ramificação da árvore em +alto e -alto, dividindo uma seqüência sonora em grupos constituídos por um tipo de tom.

Zubizarreta, por sua vez, analisa vários dialetos do japonês tendo como objetivo proporcionar uma facilidade na aprendizagem do sistema acentual desta língua, a partir de dados limitados. Através da proposição de pés polarizados e não-polarizados, ela levanta alguns parâmetros que servirão para caracterizar cada um dos dialetos do japonês.

Antes de passarmos à análise da questão, apresentaremos uma descrição sucinta dos elementos que compõem o ritmo do japonês e da sua organização.

A unidade rítmica do japonês é tradicionalmente definida pela mora, unidade de duração, e considerada como a menor unidade fonológica de que os falantes de japonês têm consciência. Ela é representada graficamente pelo Kana, do sistema de escrita da língua. Além disso, é uma unidade portadora de um tom (Alto ou Baixo) e pode ser de dois tipos conforme a sua estrutura: mora plena e mora não-plena ou 'especial'. A mora plena é formada de (C(G))V:

(1) o kja ku 'visita'

O CGV CV

A mora não-plena ou 'especial' pode ser de 3 tipos: mora nasal, representada por N; mora consonantal, representada por Q; e mora longa, representada por R.

(2) o to o sa n 'papai'

V CV R CV N

ma t ta 'esperou'

CV Q CV

Estas moras 'especiais' (moras nasal, consonantal e longa) apresentam algumas restrições na sua ocorrência:

a) não constituem a mora inicial de uma palavra

(3) o n 'som' ka t ta 'comprou' ko o ri 'gelo'
 N Q R

b) não são portadoras de núcleo de acento. (vide abaixo)

O acento do japonês – pitch-accent – é determinado predominantemente pela altura, e apresenta as seguintes características:

a) possui uma função distintiva marcada pelo tom Alto:

(4) hā sī 'pauzinho para comer' hā sī 'ponte'

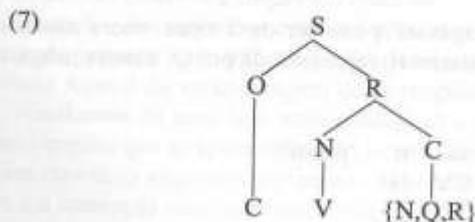
b) existe apenas uma unidade ou uma seqüência de unidades com acento alto dentro de uma palavra ou sintagma:

(5) nī hō n 'Japão'; gī n kō o 'banco';

c) o núcleo do acento é determinado pela última unidade de tom alto dentro da palavra:

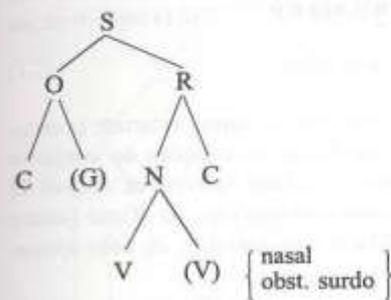
(6) kō gī t tē 'cheque' kā gā mī 'espelho'

A primeira questão que gostaríamos de explorar, refere-se à estrutura da sílaba do japonês consideradas longas, formadas por duas moras: uma mora plena constituída de (C(G))V e uma mora não-plena {N, Q, R}, estruturadas como segue:

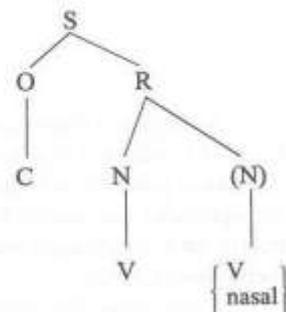


Tanto Abe quanto Zubizarreta postulam a estrutura da sílaba organizada por Onset e Rima para o japonês. Para Abe o elemento Rima é constituído de Núcleo e Coda, enquanto para Zubizarreta, a Rima é formada de um ou dois Núcleos, sendo o segundo núcleo ocupado por uma vogal ou uma nasal.

(8) Abe



(9) Zubizarreta



Diferentemente da afirmação de Abe de que o sistema acentual do japonês pode ser descrito de maneira simples por meio de uma hierarquização arbórea, consideramos que a descrição dele vem, na realidade, dificultar a análise do fenômeno, uma vez que se tornam necessárias regras para estruturar as palavras em árvores.

Gostaríamos de registrar que o tipo de estrutura proposta para as sílabas consideradas longas do japonês não é adequada para representar a intuição do falante da língua porque leva a interpretações não condizentes com os dados empíricos da língua. Em japonês cada unidade moraica ocupa um tempo fonológico e possui também uma autonomia em termos de papel que exerce na seqüência fonológica como detentora de um tom Alto ou Baixo.

Os dados da fala dos japoneses apresentam exemplos reveladores do papel que as moras não-plenas ocupam na fonologia da língua. Os elementos que ocupam a posição da Coda passam a ser realizados como uma sílaba, ou pela epêntese de uma vogal, ou pela atribuição de uma duração relativamente mais longa aos segmentos da Coda.

Exemplos extraídos do português falado pelos japoneses:¹

¹ Símbolos utilizados;

∪ brevíssimo; U breve; ∩ média; — longa; (+) segmento com duração longa;

() segmento silábico; ˘ () acento; ▮ mudança de tom para Alto;

⌋ mudança de tom para Baixo; | marca de segmentação na seqüência sonora

Esta realização [a - tama - ga] seria decorrente da apreensão do pé como uma unidade rítmica constituída de duas unidades. Fato semelhante pode ser observado nos dados do japonês falado pelos brasileiros na interpretação dos acentos do japonês. Parece existir uma tendência entre os falantes de português, língua stress-accent, de apreender a primeira unidade de tom alto como marca do acento e realizá-la com o acento de intensidade. Com isso, as unidades subseqüentes passam a fazer parte do pé organizado a partir de mudanças na qualidade vocálica da unidade acentuada, gerando dessa forma, casos de redução silábica ou de mudanças na qualidade vocálica.

- (15) $k\acute{a}g\acute{e}k\acute{a}t\acute{a}$ por $k\acute{a}n|ga\acute{e}|k\acute{a}t\acute{a}$ 'modo de pensar'
 $f\acute{u}r\acute{u}i\acute{k}e\acute{j}a$ por $f\acute{u}r\acute{u}|i\acute{k}e\acute{j}a$ 'velha lagoa' (ja)
 $m\acute{u}z\acute{u}k\acute{a}'s\acute{i}:d\acute{e}s$ por $m\acute{u}z\acute{u}|k\acute{a}s\acute{i}|d\acute{e}s$ 'é difícil'
 $b\acute{u}r\acute{a}d\acute{i}r\acute{u}$ por $b\acute{u}r\acute{a}|d\acute{i}r\acute{u}$ 'Brasil'
 $k\acute{i}m\acute{a}s\acute{i}t\acute{a}$ por $k\acute{i}m\acute{a}|s\acute{i}t\acute{a}$ 'vcio, vieram'

Certamente, não são as diferenças de acento (intensidade e de altura de tom) que entram em questão, mas a estruturação em pés baseados na caracterização acentual.

Estas realizações fortemente marcadas por acentos mostram a influência do português, enquanto produções de brasileiros, e podem também representar o resultado possível da interpretação das unidades dispostas em pés.

A proposta de Zubizarreta, ancorada no modelo de harmonização da teoria métrica, daria, como vimos acima, margem para uma interpretação fonética distante do que ocorre na língua em termos rítmicos. O ritmo do japonês se organiza em grupos de duas moras (Poser, 84; Vance, 87), sem levar em conta a marcação acentual.

Uma das características marcantes que verificamos no português falado pelos japoneses diz respeito à segmentação da seqüência sonora em grupos de sílabas como por ex. em:

- (16) $\hat{i} \hat{m}\hat{i} | \hat{g}\hat{u}\hat{r}\hat{a} | \hat{d}\hat{o}$
 $\check{i} \check{m}\check{i} | \check{g}\check{r}\check{a} | \check{s}\check{o}\check{n}$
 $\hat{k}\hat{a} | \hat{t}\hat{a}\hat{n} | \hat{d}\hat{u} | \hat{v}\hat{a}$
 $\check{m}\check{i}\check{u} | \check{n}\check{o} \check{v}\check{e} | \check{s}\check{e}\check{n} \check{t}\check{u}\check{s} | \check{s}\check{e}'\check{t}\check{e}\check{n} | \check{t}\check{a}'\check{o}\check{i} | \check{t}\check{o}$
 $\check{r}\check{e} \check{p}\check{a}\check{r} | \check{t}\check{i} \check{m}\check{o}$

A segmentação nos itens lexicais ocorre em intervalos que variam de uma a duas sílabas (duas a quatro moras) dependendo da duração de cada sílaba e da constituição da mesma. O grupo é normalmente formado de duas sílabas quando essas sílabas são constituídas de V ou CV; enquanto os grupos com sílabas do tipo CCV, CVC são em sua maioria formados por uma sílaba.

Consideramos que o resultado do desempenho pautado pela segmentação em grupos não seria decorrente da presença de pausas, mas um resultado de uma organização baseada no ritmo do japonês. Esta estruturação vem coincidir com o dado empírico do japonês proposto para o ex. 85b (14) de Zubizarreta, acima, cuja organização se baseava em dois grupos de duas sílabas, sem referência ao acento.

a ta | ma ga

Considerando que esta língua leva apenas um acento por palavra e os tons são marcados em seqüência, não havendo, portanto, motivação para colocar uma hierarquia nas unidades que levam o acento, podemos dizer que a análise baseada em geometria arbórea não seria apropriada para descrever o acento do japonês.

As análises de Abe e Zubizarreta estão mais preocupadas em dar conta dos dados da língua do que propriamente em representar a intuição do falante da língua. Uma análise distanciada dos fatos empíricos teria o seu valor para testar o alcance e o poder da teoria, mas seria de pouco interesse para quem procura uma descrição que venha refletir a competência do falante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABE, Yasuaki (1987) "Metrical Structure and compounds in Japanese". In: T. Imai e M. Saito (eds.) *Issues in Japanese Linguistics, Dordrecht/Providence: Foris*.
- HATTORI, S. (1976) *Gengogaku no Hoho* (Métodos em Lingüística), Tokyo: Iwanami.
- McCAWLEY, J. D. (1968) *The Phonological Component of a Grammar of Japanese*. The Hague: Mouton.
- POSER, W. J. (1984) *The Phonetic and Phonology of Tone and Intonation in Japanese*. Tese de Doutorado, MIT.
- VANCE, T. J. (1987) *An Introduction to Japanese Phonology*. Albany: State University of New York Press.
- VAN DER HULST, H. e N. SMITH (1982). *The Structure of Phonological Representations* (Part I). Dordrecht: Foris.
- ZUBIZARRETA, M. L. (1982) "The formal interaction of harmony and accent: the tone pattern of Japanese". In: H. VAN DER HULST and N. SMITH (eds.) *The Structure of Phonological Representations, (Part II)* Dordrecht: Foris.